

**“Sou presbiteriana *crossdresser* e saio do armário no Facebook”:  
(Re/des)montando identidades trans\* *em rede e na rede*<sup>1</sup>**

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão F<sup>o2</sup>

**God knows I want to break free  
(Deus sabe que eu quero me libertar)  
Queen**

***Abrindo o armário* ou introduzindo o tema**

Uma pergunta pode funcionar como *chave* deste texto: é possível que o Facebook, o mais proeminente dos *sites* de redes sociais de nossa época, atue como espécie de *portal* de acesso a *admiráveis mundos novos* sexuais, de gênero ou referentes a outros marcadores sociais? Seria o Facebook um *rompedor de armários*?

Sem a pretensão de responder conclusivamente a isso, nem apresentar e problematizar contundentemente a hipótese contrária (a do Facebook como *armarizador de identidades*), este texto de história do tempo imediato, fundamentado em *etnografia e história oral ciborgues*<sup>3</sup>, pretende apresentar algumas das formas como podem ocorrer *carpintarias identitárias* de pessoas *transgêneras* (ou *trans\**)<sup>4</sup> através deste *site*.<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> Texto publicado em periódico, no início de 2016 (referências ao final).

<sup>2</sup> Presidente da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Pós-Doutorando Júnior em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista CNPq – Brasil. Pós-Doutor em Ciências Humanas pelo Programa Interdisciplinar da UFSC. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Pesquisador do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH/UFSC). Bolsista CAPES à época da pesquisa que originou este texto. *E-mail*: edumeinberg@gmail.com.

<sup>3</sup> De modo geral, tratam-se da etnografia e da história oral realizadas *on-line* e *off-line*. Apresentei tais rasuráveis possibilidades de trabalho anteriormente (MARANHÃO F<sup>o</sup>, 2014).

<sup>4</sup> Utilizo o termo *trans\** no texto, a exemplo do que ocorre internacionalmente, como diminutivo de *transgeneridade*. Transgeneridade não é compreendida aqui como identidade específica, mas sim, como a *condição sócio-política* de *transgressão* de expectativas binárias de gênero. Entre as pessoas transgêneras temos uma miríade de indivíduos auto-designados através de identidades e de expressões de gênero que demonstram não-conformidade com as convenções sociais relativas ao sistema sexo/gênero outorgado no nascimento, como por exemplo, transexuais, travestis e *crossdressers*.

<sup>5</sup> Na tese de doutorado em História Social procurei observar o que pessoas transgêneras, ex-transgêneras e ex-ex-transgêneras *faziam* com o que dados discursos religiosos/generificados/sexuais (especialmente de igrejas inclusivas e de ministérios de

O artigo está organizado da seguinte forma: Após esta introdução ou *abertura de armário*, apresento o tópico *Observando dentro e fora do armário*, que traz uma sintética definição sobre o conceito de armário, que, além de dizer respeito à orientação sexual, pode dizer respeito à identidade de gênero e, como sugiro, pode ser entendido como *interseccional*. Na sequência denominada *Saindo do armário através do Facebook*, narrativas selecionadas irão *cerzir* algumas das formas como o Facebook atua em *(re/des) confecções identitárias* relacionadas à assunção de *transidentidades*. Na parte seguinte, intitulada *(Re/des) montando armários interseccionais de gênero e religião*, observaremos algumas possibilidades de atuação do discurso religioso como armarizador de identidades trans\*, e hipoteticamente, do discurso trans\* atuando em momentânea armarização do discurso religioso, e ainda, na existência de uma *gaveta religiosa*, componente de um armário interseccional. Veremos também a possibilidades de se *sair da gaveta religiosa* a partir do Facebook, bem como algumas concepções de pessoas trans\* acerca do preconceito e intolerância que *saem do armário* através de pessoas que utilizam o Facebook. Ao final, serão *tecidas* considerações de caráter *inconclusivo*, que manterão *portas e gavetas abertas*, com reflexões prontas a serem *(re/des) costuradas* pelo leitor/ale.<sup>6</sup> Antes de prosseguirmos, cabe perguntar: o que é o *armário* e o que significa *estar* ou *sair dele*?

### 1. Observando *dentro e fora do armário*

*Armário*, na maioria das definições de dicionários, é o móvel dividido por portas, prateleiras e gavetas e utilizado para guardar utensílios como roupas e louça, por exemplo. O armário é assim (ao menos supostamente), local por excelência para *manter as coisas no seu devido lugar* e impedir que elas *desorganizem* o ambiente ao redor. Metaforicamente, manter determinadas identidades *no armário* significa *resguardar* uma ordem social hegemônica daquilo que pode promover sua *desestabilização*.

---

“cura” de travestis) *procuravam fazer* delas (2014). Comentei sobre o assunto em ocasiões anteriores de 2011 a 2016.

<sup>6</sup> Utilizo, no texto, o sufixo *e* após o *a* (que designa o feminino) e o *o* (que refere-se ao masculino), agregando pessoas não-binárias de gênero.

É neste sentido que parece se situar a expressão *sair do armário*, que na definição de alguns dicionários significa “assumir a própria homossexualidade”, o que para uma sociedade heterocêntrica não costuma ser algo bem-vindo.<sup>7</sup> Em um dado imaginário popular, enquanto a expressão *sair do armário* ou *desarmarizar* (*come out of closet*) costuma sinalizar que a pessoa *assumiu* sua identidade homossexual perante outras, *estar no armário*, ou *estar armarizada/o/e*, costuma significar que a pessoa homossexual se entende e/ou se encontra impossibilitada de fazer a *assunção* pública de sua homossexualidade.

Mas as expressões *estar no armário* e *sair do armário*, além de se referirem a orientações sexuais/afetivas, também podem ser utilizadas para falar sobre identidades de gênero, como as relacionadas às *transgeneridades* (entendidas aqui como condições sócio-políticas de *transgressão* às expectativas binárias de gênero) e às *cisgeneridades* (condições de adequação ao dispositivo binário de gênero). Para Leticia Lanz, socióloga e psicóloga transgênera,<sup>8</sup>

Armário é sinônimo de opressão, de exclusão, de intolerância, preconceito, medo e discriminação. Longe de ser um equipamento de proteção individual para as pessoas que nele se refugiam, é um dispositivo de normatização, regulação e permanente vigilância sobre a adequação sociopolítico-cultural das condutas individuais de gênero (LANZ, 2015: 257).

Sobre o *procurar abrigo no armário*, Lanz argumenta que

Ao se refugiar nele, um contingente enorme de homens e mulheres desidentificados com a categoria de gênero em que foram classificadas ao nascer buscam legitimamente se defender da rejeição familiar, escolar, profissional e religiosa, resultante do imenso estigma que paira sobre as pessoas transgêneras na nossa sociedade. Ingressando livremente em suas próprias prisões, acabam contribuindo para a manutenção dos valores (como a assimetria entre as duas categorias de gênero, homem e mulher) e das instituições (como o casamento e a família tradicionais)

---

<sup>7</sup> No texto *A epistemologia do armário*, de 1991, Eve Kosofsky Sedgwick utiliza o termo *armário* para designar o regime de prescrição e controle da sexualidade, responsável pela manutenção da hierárquica binariedade entre pessoas heterossexuais e pessoas homossexuais através da normaização da heterossexualidade e da normaização da homossexualidade.

<sup>8</sup> Refiro-me à autora como *socióloga e psicóloga transgênera* por ser esta uma das formas como a mesma se auto-declara (além de simplesmente *gente*, também). Vale ressaltar que eu mesma, semelhantemente, costumo me marcar politicamente como *pessoa transgênera não-binária*, ou *pessoa entregêneros*, visto não me sentir adequada às expectativas e normas sociais binárias, ou simplesmente também me denominar como *gente*. Minha *entregeneridade*, desde infância, peregrina entre a *ageneridade* e a *multigeneridade*.

estabelecidos pela ordem cisgênero-heteronormativa (Idem, 2015: 257).

É possível complementarmos que, para além das categorias “mulher” e “homem”, existe uma miríade de alternativas identitárias de gênero, incluindo uma amplo espectro não-binário, multigênero e agênero – e pessoas auto-identificadas destas formas ou de outras que ultrapassam a binariedade masculino/feminino podem, assim como Lanz descreve, sentirem-se compelidas a permanecer em armários.

Em sentido similar ao que conclui Lanz, Claudia Wonder, cantora travesti já falecida, sinaliza em suas memórias porque muitas pessoas transgêneras permanecem no armário, não se assumindo publicamente:

pode parecer estranho, mas o “armário” também abriga o segmento mais visível dos GLBT: as travestis e as transexuais! Um dos assuntos mais discutidos pelos grupos organizados na tentativa de diminuir o preconceito contra esse segmento é a prostituição. Sabemos que muitas trans recorrem a essa prática porque a sociedade não aceita a androginia e as dificuldades na hora de arrumar um emprego são muitas (WONDER, 2008: p. 22).<sup>9</sup>

Wonder assinala, assim, dois efeitos da constante estigmatização e violação de identidades e direitos de pessoas trans\*: a recorrência de travestis e mulheres transexuais à prostituição por não serem aceitas no mercado de trabalho; e a manutenção de identidades transgêneras no *closet*. Wonder narra a respeito do temor de travestis e mulheres transexuais em se assumirem: “esse medo é tão intenso que existem trans que não fazem sexo há mais de dez anos porque têm receio de ser descobertas e perder a paz no meio onde vivem” (Idem, 2008: 22). É possível pensarmos, neste sentido, que a sociedade opera na *armarização* de pessoas transgêneras enquanto cidadãs com os mesmos direitos e oportunidades de pessoas cisgêneras. Lanz entende ser necessário, no processo da assunção,

*transformar-se – social, mental e fisicamente* – mediante o emprego de recursos variados, que vão do nada simples aprendizado de novas habilidades e atributos à terapia de reposição hormonal e cirurgia de reaparelhamento genital (Lanz, 2014: p. 90. Destaque da autora).

Mas é importante adensar que nem toda pessoa transgênera que *sai do*

---

<sup>9</sup> A autora complementa: “mas também sabemos que, sem referências para formar seu próprio ideal profissional e sem perspectivas no mercado de trabalho, é difícil para uma jovem trans deixar de acreditar que seu destino está fadado às calçadas da vida” (WONDER, 2008: p. 22).

*armário*, quer este seja *off* ou *online*, ou ainda ambas as coisas, pretende necessariamente fazer qualquer transição estética: ser transgênera/ole independe de mudanças físicas. É o caso *das, dos e des*<sup>10</sup> *crossdressers*, das pessoas não-binárias, e de muitas pessoas que se identificam homens trans ou mulheres transexuais (dentre muitos sinônimos) e que *não pretendem expressar a transição no corpo ou vestes* – mas já transicionam ou transicionaram *na mente*.<sup>11</sup>

Cabe destacar ainda a possibilidade de uma mesma pessoa ter diferentes *gavetas, cabides e prateleiras identitárias*:

uma coisa que nunca comento é que sou uma pessoa assexuada. O que acontece? Mesmo entre as trans sofro preconceito por conta desta minha orientação sexual. Com as pessoas cis, também, claro. Então fico na minha e não comento muito sobre sexualidade. Sou uma mulher que não se interessa por sexo. Me recuso a falar da minha sexualidade para as pessoas (ENTREVISTADA A., 2013).

A narrativa parece sinalizar que a pessoa, ao mesmo tempo em que *sai do armário* ao assumir sua transgeneridade, *mantem-se em outra gaveta* ao silenciar sua condição assexuada, o que pode apontar para uma “identidade” própria do armário, que é a *interseccionalidade*.

Obviamente, não questiono a legitimidade da pessoa *permanecer* ou *sair* de armários e de preservar sua privacidade em quaisquer aspectos que ela quiser: *manter-se, sair, retornar* ao armário é questão de fórum íntimo e que deve ser respeitada. Ao mesmo tempo, é válido problematizar tais situações: como a entrevistada narrou, o que a motiva a não falar de sua assexualidade é a potencial discriminação que ela possa sofrer.

Neste sentido, ficam perguntas que não me atrevo a responder: se *sair do armário*, ainda que momentaneamente, pode ser sinal de libertação e

---

<sup>10</sup> Não se costuma falar da possibilidade de mulheres que praticam *crossdressing*, nem de pessoas não-binárias, mas é plausível que existam, daí eu procurar contemplá-las através do *dos* e do *des*.

<sup>11</sup> É possível, contudo, que Letícia tenha pensado nestas situações ao refletir que “para assumir-se, diante de si mesma e de outros, é necessário a pessoa reconhecer e legitimar quem ela é e como se posiciona dentro do amplo espectro da transgeneridade, que vai desde uma simples ‘curiosidade’ quanto ao modo de ser do gênero oposto até um desejo absolutamente incontrolável de transformar-se inteiramente numa pessoa do sexo oposto” (idem, 2014, p. 91). Além disso, a própria autora comenta sobre a existência de “*crossdressers* de armário”, que podem “ter muito mais dificuldade de se entender, de se aceitar e de assumir do que uma transexual, disposta a transicionar inteiramente” (idem, 2014, p. 92).

resistência, *permanecer* em outro armário, para se proteger de outras opressões, também pode, para algumas pessoas, simbolizar resistência? Seria o silêncio uma tática de oposição à opressão?

Cabe ainda outras perguntas: quais os possíveis meios de *evasão do armário*? O Facebook poderia atuar neste sentido? No que segue, procuro demonstrar algumas situações de *estadias e saídas* de armários, enfaticamente daqueles referentes às transgeneridades, e relacionadas ao Facebook como possível ambiente *desarmarizador*.<sup>12</sup> Adentremos então na próxima parte do texto.

## 2. *Saindo do armário* através do Facebook

O Facebook pode se apresentar como *atelier* que possibilita a elaboração de identidades e de expressões de gênero transgêneras. Sobre transmasculinidades, por exemplo, João W. Nery (reconhecidamente primeiro transhomem brasileiro) e eu comentamos que a recente articulação dos transhomens brasileiros “é facilitada pelas relações virtuais nos ciberespaços” (NERY, MARANHÃO F<sup>o</sup>, 2013, p. 157), especialmente através de *sites* de redes sociais como o Facebook. Em sentido similar, Lanz comenta que:

Nos dias atuais, a *internet* tornou-se um importante diferencial na vida da população transgênera armarizada. Graças à *web*, foi possível estabelecer e manter contato não apenas com gente em situação semelhante, mas com pessoas que deixam o armário e vão se tornando referência para quem sonha em sair de lá. Há também uma infinidade de sites, grupos e páginas nas redes sociais em que é possível obter todo tipo de orientação, suporte e ajuda, inclusive ajudas perigosas, como “receitas genéricas” de hormonização. Do simples estabelecimento de contato com pessoas semelhantes das redes sociais, passando pela sugestão de passos e estratégias para deixar o armário, até grupos de apoio psicossocial e movimentos reivindicatórios de direitos civis, a internet revolucionou e reconfigurou totalmente as antigas maneiras, tanto de se permanecer quanto de se deixar o armário. Através da rede, foram criadas oportunidades seguras de manifestação e interação interpessoal sem a necessidade de exposição e aproximação física, trazendo conforto e alívio para a solidão de vidas em segredo, assim

---

<sup>12</sup> Comentei em sentido similar, em textos com João W. Nery, acerca de experiências de *tranhomens no ciberespaço* (NERY, MARANHÃO F<sup>o</sup>, 2013, 2015, no prelo). Nestes artigos, procuramos realizar uma cartografia digital de inspiração etnográfica, fundamentada em análise de conteúdo e observação participante em fóruns e grupos do Facebook.

como a esperança de liberdade para a expressão plena das suas identidades reprimidas (LANZ, 2015: 259-260).

Como explica a autora, a *internet* pode propiciar que as pessoas, ao (man)terem contato com outras, se libertem de armários de gênero. Mas nem sempre as pessoas parecem deixar o armário de vez: algumas dão uma voltinha no ambiente externo e retornam ao mesmo. É o caso de pessoas que se *desarmarizam* momentaneamente, como no relato que segue:

ah, eu uso o Facebook para expor minha identidade transgênera. Mas só me monto no Face. Me monto de menino. Fora da *internet* sempre mantenho minha aparência feminina, por segurança (ENTREVISTADA A., 2013).

Luandhha Peron, pastora *drag queen* (também auto-identificada como Marcos Lord, pastor e professor) da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) Betel do Rio de Janeiro, observa:

vejo as redes sociais como um espaço onde todo e qualquer indivíduo se vê livre para expressar suas verdades mais ocultas, aquelas que no mundo real são inconcebíveis. Conheço pessoas que só podem viver sua identidade trans no mundo virtual pelo simples fato de não terem independência, principalmente financeira, ou pelo medo das reações que isso pode causar. Com isso as redes sociais acabam se tornando uma válvula de escape, um meio pelo e no qual a vida toma a forma que só se demonstra na essência, sem o estereótipo (LORD/PERON, 2014).

Tais narrativas demonstram que o Facebook pode servir de apoio para saídas fugidias do armário, quando a pessoa, por temer por sua segurança, regressa ao mesmo. Mas esta rede também pode atuar como *desarmarizadora* de identidades trans\* de forma menos efêmera. Para Alexya Salvador, professora e pastora transgênera/transexual da ICM Manancial, de Mairiporã (SP),

ajuda sim! Muitas pessoas trans que ainda vivem presas em suas realidades devido a tantas coisas, acabam por aprender e entender mais sobre o assunto. A identidade trans se constrói de variadas formas e o Facebook acaba por expor e fazer entender essa realidade (SALVADOR, 2014).

Acerca do estímulo dado pelo Facebook ao *coming out*, uma mulher transexual argumenta:

não gosto muito do termo *sair do armário*, pois tenho a sensação de que a vida das pessoas trans antes de "se assumirem" era algo sombrio, reservado... sei lá! Mas sim, o face tornou-se como que um motivador para que estes superassem seus receios, inseguranças e solidão para fazerem as mudanças tão sonhadas. Afinal, muita informação bacana, depoimentos, conversas, entre outros

acontecem no face e a pessoa que era sozinha, isolada das demais por não ser compreendida encontrou outras tantas que sentiam a mesma coisa e se uniram! Quanto a identidades e expressões, estas são fluidas e com certeza na atualidade contam com boa pitada de *facebookismos* (ENTREVISTADA B., 2014).

Em relação à influência que o Facebook pode exercer na elaboração de identidades trans\* (o que provavelmente a entrevistada acima chamou de *facebookismos*), Lanz alega:

diria que sim, muito embora contribua mais para construções e expressões identitárias altamente conservadoras, idealizadas e até “folclóricas” do que para identidades transgressivas e libertárias, que não reivindicam coisas como “diagnóstico” e “tratamento”, mas o sagrado direito de expressão do próprio ser, o direito de se ser “quem se é” (LANZ, *entrevista a Maranhão F.*, 2014).

Para Lanz, portanto, o Facebook pode agir em arquiteturas identitárias transgêneras sim, mas de modo geral, naquelas menos transgressoras e mais pautadas em estereótipos. Uma outra entrevistada relata:

sou trans, não sou CD e nem travesti e nem outra coisa. Eu comecei minha hormonização, mas sou extremamente discreta. Uso roupas largas e tudo prá não sofrer discriminação na rua. Só fico fulgurante e completa na web, tanto no meu perfil do Face quanto em algum *site* em que posso conversar à vontade (ENTREVISTADA C., 2013).

Esta pessoa, auto-identificada transexual, explica que no Facebook sente-se segura para expressar esteticamente sua identidade, ao passo que no ambiente *off-line* procura *não parecer trans* para não sofrer intolerância.

Os contatos através do Facebook também podem estimular trânsitos de gênero. Pessoas com quem conversei comentaram em momentos diversos sobre novas posições de identidade:

sim, Du, até mês passado eu me identificava como trans não-binária. Mas agora estou me percebendo cada dia mais feminina, e me sentindo uma mulher trans, principalmente após a hormonização. O Face fez eu descobrir estas coisas. Quer dizer, as pessoas com quem eu converso no Face (ENTREVISTADA D., 2014).

As entrevistas observadas até aqui demonstram que o Facebook pode *conectar* a pessoa ao seu processo de *desarmarização* em dois sentidos: ela pode fazer sua assunção de modo mais fugaz, *entrando e saindo do (no) armário do Facebook* com certa fluidez (muitas vezes por temer por sua segurança); ou pode sentir-se encorajada / empoderada a assumir sua transgeneridade também no cotidiano *off-line*. No primeiro caso, parece

haver um tipo de assunção especialmente semelhante ao que Agier comenta sobre identidade como algo *em processo, mais em busca do que como chegada* (AGIER, 2001), enquanto no segundo caso, é possível haver algo mais próximo a uma *chegada* – ainda que a *busca* seja provavelmente o cerne de qualquer processo identitário. Em ambos os casos, *(re/des) montam-se* identidades trans\* *em rede e na rede*, ou seja, através de contatos sociais e a partir da rede mundial de computadores.

Vale ainda ressaltar que a experiência de estadia e saída de armários não é relatada somente por pessoas auto-declaradas transgêneras:

sou mulher cis mas simplesmente adoro postar estas minhas fotos vestida de homem. Sou um *drag king* bem virtual e virtuoso (risos). É, posso dizer que minha expressão de gênero é masculina, mas minha identidade não é. Sou resolvida sendo cis, hetero e casada... mas adoro causar no Face e atçar minhas amigas (risos). Elas sempre dizem que querem me pegar quando estou de homem (ENTREVISTADA E., 2013).<sup>13</sup>

Tal pessoa pode dar vistas a uma *situação trans\** ou uma *situação entregêneros*: a pessoa se identifica como *cis* mas em dados momentos faz seus trânsitos de gênero. Algumas *drag queens* relatam, semelhantemente,

sou um homem cis *gay*. Aliás, meio cis e meio trans. Até existem *drags* que são hetero, mas são menos, eu sou *gay*. Eu faço *drag* nos eventos que me chamam e nas fotos que posto no meu perfil e na minha página. A coisa que eu mais amo é fazer *drag*. Me realizo sendo feminina, tanto em *shows* como no Face (ENTREVISTADA F., 2013).

Esta pessoa explicou ainda: “tenho este perfil de *drag* e o perfil de rapazinho rsrs, estou entre feminino e masculino o dia todo” (Idem, 2013), o que pode dar vistas ao movimento *entre o abrir e o fechar de portas* que parece caracterizar o fenômeno dos *multiperfis de gênero* e a concomitante *(re/des) construção* identitária do feminino e do masculino. E este tipo de coisa seria ambígua ou contraditória? Não necessariamente. Para uma entrevistada, *crossdresser* e presbiteriana, esse movimento “é bem natural. Tenho minha identidade masculina e minha identidade feminina. Não tem gente que tem várias identidades? Você não é cantor e professor ao mesmo

---

<sup>13</sup> É possível, a partir do que conversei com esta pessoa, considerar que ela tenha, não propriamente uma identidade entregêneros, mas uma *expressão entregêneros* (lembrando novamente que uso tais termos apenas com fins didáticos, estes não sendo necessariamente utilizados por esta pessoa [ou por outras], muito menos servindo para identificá-la(s) em sua(s) complexidade(s) subjetiva(s)).

tempo?”, complementando “tenho meu perfil de mulher e meu perfil de varão” (ENTREVISTADA G., 2011).

Esta narrativa nos ajudaria a conjecturar a respeito da possível *montagem* de *armários interseccionais* em que diferentes marcadores se cruzam? É possível que um marcador identitário atue no outro, como no caso do discurso religioso atuando na *armarização* de gênero e sexualidade? Acompanhem narrativas que podem dar algumas pistas.

### 3. (Re/des) montando armários interseccionais de gênero e religião

Além de se referir à orientação sexual e a gênero, o termo *armário* pode ainda, hipoteticamente, ser utilizado para pensarmos em outros marcadores/rotuladores identitários,<sup>14</sup> como *religião* por exemplo. Assim, é plausível pensarmos em pessoas que estão em *armários interseccionais constituídos por diversos compartimentos*, referentes a diferentes marcadores: uma *prateleira* referente a gênero, um *cabide* preparado para pendurar a sexualidade, uma *gaveta* com religião e religiosidade dentro<sup>15</sup> – ou em outras palavras, aventarmos a possibilidade de que cada armário é *montado* a partir de diferentes *regimes de descrição / prescrição e controle* de aspectos da existência sócio-política. Assim, é plausível que a mesma pessoa possua diferentes *gavetas ou compartimentos identitários*, e que, *abrindo* uma porta, mantenha-se outra(s) *fechada(s)*: ela pode manter-se *armarizada* (ou *engavetada*) em relação a um marcador social específico e *desarmarizada* (ou *desengavetada*) em relação a outro.

O *armário interseccional* pode ser identificado, dentre muitas situações possíveis, quando o discurso religioso exerce influência na manutenção da

---

<sup>14</sup> Sedgwick já comentava algo no sentido de usar o termo *sair do armário* para se referir a marcadores identitários diferentes: “ouvi recentemente alguém na *National Public Radio* referir-se aos anos 1960 como a década em que os negros saíram do armário. A esse respeito, fiz recentemente uma palestra tentando explicar como é possível para uma mulher gorda sair do armário. O aparente descolamento da expressão “sair do armário” de sua origem gay em seu uso recente pode sugerir que o tropo do armário está tão perto do centro de algumas preocupações modernas que poderia ser (ou de fato foi) esvaziado de sua histórica especificidade gay” (SEDGWICK, 2007, p. 28).

<sup>15</sup> Exemplificando, uma *gaveta religiosa* diria respeito a um *regime de controle e prescrição da religiosidade*, que se faz misturado com outros regimes de gerência, como o da sexualidade e o do gênero: daí a *interseccionalidade do armário*.

pessoa trans\* no armário de gênero (ou melhor, no *armário cisgênero*). Isto ocorre, por exemplo, quando a pessoa trans\* prefere não assumir sua identidade transgênera por temor de sofrer represálias da irmandade religiosa. É o caso, exemplarmente, de *crossdressers* religiosas que saem momentaneamente do armário e retornam, por conta de um discurso religioso que pode ser considerado *armarizador*.

### 3.1. *Saindo e retornando do armário: a experiência de uma crossdresser presbiteriana*

eu sou líder de jovens da Igreja Presbiteriana e ninguém sabe que me sinto mulher. Só a minha mulher. Então, o que acontece? A minha esposa ajuda eu me montar e eu converso, geralmente com outras *cross*, nos mecanismos de vídeo do Face. Ou pelo Skype. Tenho nome social no Facebook, de mulher: Sabrina, não coloque o sobrenome por motivos óbvios (risos). Na igreja o pessoal é homofóbico sim. Aliás, transfóbico, eles não sabem a diferença (risos). Perto da igreja tem uma avenida que tem trans que fazem programa e o pessoal critica a situação. Isto me dói na alma. Então nem de longe podem imaginar que me sinto meio mulher nem que me travisto de mulher. Não sei onde isto vai dar não. Não sei se sou travesti ou trans. Hoje sou só uma *CDzinha*. Também tenho de preservar minha mulher e meus filhos, que são pequenos. Tenho meu perfil de mulher e meu perfil de varão (ENTREVISTADA G., 2010).

Como vemos no relato, o Facebook (assim como o Skype, no caso) pode possibilitar que uma pessoa transgênera (uma *crossdresser* ou *CDzinha*) vivencie sua feminilidade / travestilidade de modo efêmero e seguro: ela *se monta* (*desmonta* e *remonta*) e *sai do armário* com o auxílio da esposa, mas somente em algumas ocasiões, havendo *conexões* entre *manter-se na gaveta religiosa* e *libertar-se (momentaneamente) da gaveta cisgênera*: Por conta de sua biografia religiosa (nascida em *berço presbiteriano*, líder de unidade da Igreja Presbiteriana) e do temor de represálias de *irmãos e irmãs*, ela não assume publicamente sua transgeneridade, e desta forma, sua identidade religiosa (ou o discurso religioso que a circunda) atua na *manutenção da mesma na gaveta cisgênera*.

Além disto, o Facebook, espaço de preservação da entrevistada (e de sua família) do possível preconceito, discriminação e intolerância, ao passo

que *desarmariza*, possibilita a manutenção dentro do armário trans\* (ou *rearmarização*), para onde a pessoa retorna sentindo-se em segurança.

Quando esta pessoa *sai do armário* como *crossdresser* em espaços de socialidade do *site*, ela costuma *armarizar* / *manter a presbiteriana* (ou o presbiteriano) *dentro do closet* – ou seja, sua identidade trans\* atua na manutenção *momentânea* da *identidade presbiteriana no armário*, já que, quando *crossdresser*, ela não costuma se identificar publicamente como presbiteriana.

Assim, a assunção pública não costuma se dar simultaneamente: quando a *crossdresser* floresce, a (o) presbiteriana (o) não aparece; quando o líder presbiteriano está *on*, a *CDzinha* está *off*. Ao mesmo tempo, a vivência *cross* é declarada pela pessoa como *relacionada* à experiência presbiteriana. Em suas palavras, “sou uma *crossdresser* presbiteriana, pois as duas identidades não estão separadas, mesmo que quando eu esteja de CD não fique falando de minha vida religiosa. Guardo uma coisa e mostro a outra. Mas as duas tão por ali” (ENTREVISTADA G., 2010). E complementa:

lido bem dessa forma, tanto fora da *internet* como dentro tenho os dois perfis identitários, pois minha mulher me monta para ficar na *web*, mas obviamente, quando ela me monta eu também estou montada no *off-line*, e inclusive fico montada e *fico* com minha mulher quando estou montada (risos). E a presbiteriana, ou o presbiteriano, *fica* com minha mulher também (risos) (ENTREVISTADA G., 2010).

Assim, uma identidade pode *armarizar* a outra, mas ambas estão ali, *gavetas partícipes do mesmo armário* – como na narrativa a seguir, de outra entrevistada, auto-identificada travesti:

eu me monto no Facebook mas também *off-line*. O motivo de eu permanecer no *closet* é que ali fico segura. Só saio vestida de mulher à noite para fazer programas no fim de semana. Minha família é evangélica e mesmo que não fosse, é bastante tradicional. Fãs do Feliciano, do Malafaia e do Bolsonaro, sabe? Preciso dizer mais alguma coisa? (risos) (ENTREVISTADA H., 2013).

Como vimos, para esta moça, semelhantemente ao que ocorre com a primeira, a razão para a preservação de si no armário trans\* se dá por conta da vivência religiosa de sua família, que admira pastores como Marco Feliciano e Silas Malafaia e o político católico Jair Bolsonaro, conhecidos por discursos bastante conservadores em relação à sexualidade e a questões de

gênero. Como esta moça relata, “só volto ao armário por causa da minha família que é crente, mesmo. O pessoal não aceita” (ENTREVISTADA H., 2013). A questão do *sair e retornar* ao armário também é sinalizada pela *crossdresser* presbiteriana:

hoje em dia entro e saio do armário como *crossdresser*. Mas não sei como vou me identificar daqui uns meses ou anos. Minha família é muito religiosa e meu pai não aceita esse tipo de negócio. Pode ser que eu volte pro armário de vez em dia e que não consiga sair mais (ENTREVISTADA G., 2010).

Narrativas como estas demonstram que o discurso religioso pode atuar no *retorno à gaveta cisgênera*. Mas podemos observar no Facebook outros *links* entre gênero e religião. Um deles está na hipótese desta rede social atuar no *desengavetamento religioso* de pessoas trans\*, ou seja, possibilitar que pessoas trans\* manifestem sua devoção religiosa na rede.

### 3.2 *Saindo da gaveta religiosa através do Facebook*

Como escutei de uma mulher que transitou por diversas instituições religiosas sem ter sido aceita por conta de sua transgeneridade,

eu passei por várias religiões, até muçulmana eu fui. Nunca fui aceita. Mas me encontro na instituição do Face. E no Face troco mensagens religiosas com um monte de meninas evangélicas (ENTREVISTADA I., 2012).

Esta rede social, metafórica ou literalmente, é para tal entrevistada sua *nova congregação*. Ela se *desconecta* com instituições religiosas *off-line* e se *religa* ao divino através de determinadas redes interpessoais costuradas dentro do Facebook, com laços mais ou menos passageiros. O Facebook, assim, parece atuar, de alguma forma, na *desarmarização religiosa* de tal pessoa trans\*.

É possível que esta pessoa, *desconectando-se* das instituições formais, *transite* mais livremente pelas religiões, pelos gêneros e claro, pelo próprio Facebook. É possível que no *site* as ideias de obrigação e permanência religiosa se mostrem menos presentes ou até ausentes. Rompem-se dadas amarras institucionais, mas mantem-se o sagrado vivo. Mais que isto, de algum modo, o Facebook é espaço de possível autonomização religiosa: pode-se *seguir, criar e compartilhar* postagens e de certa forma, *acender a*

*centelha divina* de cada um/a/e. É possível *pregar* a um número incomensurável de pessoas, ampliando a ideia de liderança religiosa metafórica ou literal. Pode-se tornar *seu/sua própria Senhor/a/e*, sem a necessidade do apoio institucional religioso.

Para algumas pessoas trans\*, talvez o Facebook seja *o Caminho, a Verdade e a Rede, e nada lhes faltará*. E retornando às metáforas religiosas, as *estacas* de gênero também podem ser *alargadas* e *novas/os/les fiéis* conectadas/os/les e conquistadas/os/les. No Facebook, as religiões e religiosidades, bem como espiritualidades, ateísmos e agnosticismos representam oceanos de crenças e *descrenças* que se *(re/des)*conectam criando negociações e tensões, e indicam sujeitos políticos que *(re/des)*estabelecem adesões, comunidades, redes e filiações.

O Facebook pode servir na difusão+globalização de identidades religiosas e de gênero. Não é mais necessário aguardar a chegada de *missionárias/os/es* de gênero ou *missionárias/os/les* religiosas/os/les. Com um *click* ou um *like* se acessam tanto os templos tradicionais de gênero e de religião como novos movimentos religiosos (NMR) e possíveis *novos movimentos de gênero* que se *(re/des)*conectam no ciberespaço.

É possível que através do Facebook tanto as identidades e expressões transgêneras como as manifestações religiosas de pessoas trans\* *saíam do armário*. Mas nem todas as concepções de pessoas trans\* a respeito do Facebook referem-se ao *site* como local propício a ser *seguido, curtido e compartilhado*.

#### **4. Preconceito e intolerância *saindo do armário* – através de pessoas que utilizam o Facebook**

Ainda conversando sobre relações entre Facebook e religião com pessoas trans\*, algumas concepções se destacaram. Uma das entrevistadas relacionou a rede social com religião:

tem grupos e *fanpages* que institucionalizam o que é certo e errado em gênero, quem não *reza* a cartilha das travestis e trans dos fóruns, já viu... o pessoal fica muito tempo na frente do computador

e acaba vendo ele como um *deus*, está lá, é lei agora (ENTREVISTADA D., 2014).<sup>16</sup>

### Semelhantemente, Lanz destacou que

as igrejas fundamentalistas pentecostais e neopentecostais têm muito mais espaço no mundo virtual do que os movimentos trans-libertários ou mesmo dos movimentos oficiais “trans-reacionários”, que eu gosto de chamar de “fundamentalistas de gênero”. As normas do Facebook, por seu turno, que impedem a publicação, por exemplo, do corpo nu ou da mulher com os seios descobertos são, elas mesmas, altamente reacionárias e conservadoras, servindo claramente como um aparato de repúdio e cerceamento do ativismo libertário (LANZ, *entrevista a Maranhão Fº*, 2014).

Indaguei à mesma se o Facebook, a *internet* ou a mídia poderiam ser consideradas metaforicamente (poderiam ser também literalmente?) formas de religião. Para ela, “o pessoal do Facebook bem que gostaria que fosse... Não seria nada mal, além da fidelidade garantida pela própria “fé” dos indivíduos, receber o dízimo mensal de cada um, como prevê a bíblia...” (Idem, *entrevista a Maranhão Fº*, 2014). Uma colaboradora, transexual, respondeu a mesma pergunta:

para uns é religião sim! Tão alienadora e opressora quanto qualquer religião associada a um parco discernimento pode ser. Mas tb pode ter um sentido tão único quanto qualquer religião. Tudo depende do religioso/usuário (ENTREVISTADA B., 2014).

### De modo similar, assim comentou Peron/Lord:

o termo religião significa religar, sendo assim tudo que te religa a algo pode ser compreendido como religião. O grande problema é que toda religião pode ser dogmática, inquestionável, detentora de verdade absolutas. Muitas pessoas fazem com a mídia e a internet o que os fundamentalistas fazem com os textos sagrados, creem que são verdades absolutas, não questionam ou buscam as fontes e por conta disso cometem erros absurdos. Toda verdade é relativa, sendo assim cabe sempre o questionamento (LORD/PERON, 2014).

---

<sup>16</sup>Lanz entende que: “como, de resto, absolutamente tudo no mundo contemporâneo, não podemos falar de um único ativismo transgênero, mas de muitos ativismos alguns, inclusive, diametralmente opostos um do outro, ainda que ostentando o mesmo título de “ativismo trans”. Embora constitua o espaço do debate contemporâneo, por excelência, a internet, e particularmente o facebook, é também o domínio do narcisismo egóico e egoísta, do despreparo intelectual disfarçado de “autoridade” no assunto e do destempero emocional como forma de intimidação de debatedores. De tal maneira que, apesar de ter ampliado substancialmente o debate de questões transgêneras, o espaço virtual é insuportavelmente contraditório, incoerente e inconsistente. Pode ser que no futuro esse espaço amadureça e se aprimore, permitindo realmente um amplo debate das questões trans, baseado em pesquisa empírica e fundamentação teórico-ideológica. Por enquanto, apresenta-se como uma verdadeira “nau dos insensatos” (LANZ, *entrevista a Maranhão Fº*, 2014).

Para Peron/Lord, ainda,

o Facebook, como as demais redes sociais e todo o campo virtual acabou se tornando um espaço onde as pessoas deixam aflorar suas intolerâncias e preconceitos. As religiões legitimadas por nossa sociedade (as de matriz cristã) acabam achando nas redes sociais um campo aberto de propagação e as demais religiões (afro principalmente) continuam sendo desprestigiadas. É claro que ainda há os/as que transgridem e usam essa ferramenta como instrumento para sua libertação pessoal, mas são estigmatizados/as (Idem, 2014).

Como vimos através desta narrativa, além de possibilitar que pessoas transgêneras (religiosas ou não) se *desarmarizem*, o Facebook também pode proporcionar que *preconceito, discriminação e intolerância saiam do armário* – e é patente que muitas pessoas se utilizam desta rede social para perpetrar atitudes violentas relacionadas a mentiras, injúrias, calúnias e difamações.

***Fechando o armário mas mantendo portas abertas (ou considerações inconclusivas)***

Entre *perspectivas apologéticas e apocalípticas* (e aqui vimos mais das primeiras que das segundas, o que não quer dizer que estas sejam em menor número), o Facebook – terra de liberdade ou de opressão? –, parece possibilitar a (re/des) elaboração identitária religiosa e generificada (ou interseccional) de pessoas trans\*.

Mas ficam perguntas em aberto, para serem debatidas em ocasiões posteriores: assim como o Facebook pode servir de *armário sócio-técnico ou ciborgue* (por conectar *off e online*) para a *assunção* trans\*, ele pode manter a identidade trans\* *armarizada*; ele pode *reelaborá-la* como identidade *ex-trans\**? O *site* pode, por exemplo, estimular uma pessoa travesti a se tornar *ex-travesti* – através do relato de ex-travestis e de pastores/as especializados/as em “cura e libertação” de pessoas trans\*?

Provavelmente seja possível perceber que, assim como ocorre em relação às trans-religiosidades *no e do ciberespaço*,<sup>17</sup> também existem as transgeneridades (e ex-transgeneridades, ou ainda as ex-ex-transgeneridades) *no e do ciberespaço* – ou *no e do Facebook*. Uma encontram-se *em rede*, outras só *na rede*. As primeiras referem-se às

---

<sup>17</sup> Sugiro: MARANHÃO F<sup>o</sup>, *Religiosidades no e do ciberespaço*, 2013.

transgeneridades (e [ex] ex-transgeneridades) *on + off-line*, as segundas, às transgeneridades e ex-transgeneridades assumidas apenas (muitas vezes contingencialmente) no Facebook ou em outros *sites, blogs*, etc. Pessoas aprendem a se montar – e a se *desmontar*, ou se *remontar* – em contato com outras através de perfis pessoais, *fanpages*, grupos e eventos do Facebook. Ambas as coisas ocorrem, e neste caso, podemos pensar na *internet* como centro (*templo*, talvez?) de (*re/des*)elaboração identitária trans\*, ex-trans\* e cis. Assim como há CDs que se montam esporadicamente, uma travesti com quem falei disse:

não fico 100% do tempo como menina, não. Quando tou com minha família na *internet* uso um perfil antigo de menino e no *chat* do Face amarro cabelo e coloco uma camiseta bem larguinha. Passo de menino prá minha família. Eles sabem da minha transição mas não admitem, e eu respeito, então vou adaptando. É isso mesmo, eu faço uma espécie de *cross dresser* ou de travesti ao contrário (ENTREVISTADA J., 2013).

É possível que alguma travesti, no processo de elaboração interior para ex-travesti, faça *assunções* no Facebook como menino, para posteriormente assumir uma condição masculina.

Em relação à tais *reelaborações* (de pessoas trans\*, ex-trans\*, ex-ex-trans\*, etc), um dado importante é a *assunção* e o *desaparecimento* de pessoas nativas: algumas das pessoas com quem eu interagira *on-line* me diziam: “olha, daqui uns dias vou mudar de perfil, este de trans já era, vou voltar a ser menino”, ou “este meu perfil de Pedro não vai existir mais, vou fazer um prá Pietra”. Perfis eram *convertidos* de acordo com novas *salvações* pessoais de gênero. E enfim, *que assim seja*.



## Referências

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. In: *Mana*. Estudos de Antropologia Social, vol. 7, n. 2, p. 7-33, 2001.

LANZ, Leticia. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. Dissertação em Sociologia apresentada à UFPR, Curitiba, 2014.

\_\_\_\_\_. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a*

conformidade com as normas de gênero. Uma Introdução aos Estudos Transgêneros. Transgente: Curitiba, 2015.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *(Re/des)conectando gênero e religião*. Peregrinações e conversões trans\* e ex-trans\* em narrativas orais e do Facebook. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. Orientação de José Carlos Sebe Bom Meihy.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

\_\_\_\_\_. "Sou presbiteriana crossdresser e saio do armário no Facebook" (Re/des) Montando identidades trans\* em rede e na rede. Revista Observatório, Palmas, v.2, n.1, p. 138-160, 2016.

NERY, João; MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Transhomens: a distopia nos tecnomens. In: SOUTO, Katia (org.). *Transexualidade e Travestilidade na Saúde*, no prelo.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. *História Agora*, v. 16, nº 2, p. 139-165, 2013.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Transhomens no ciberespaço 2: biopolíticas nos tecnomens. In: BENTO, Berenice (Org.). *Des-fazendo Gênero*. Natal: Editora da UFRN, 2015.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. In: *Cadernos Pagu*, (28), 19- 54, janeiro-junho de 2007.

VENCATO, Anna Paula. *Existimos pelo prazer de ser mulher*. uma análise do Brazilian Crossdresser Club. Orientação de Peter Fry. Tese em Antropologia apresentada ao IFCS/UFRJ, 2009.

WONDER, Claudia. *Olhares de Claudia Wonder*. Crônicas e outras histórias. São Paulo: Edições GLS, 2008.

## Entrevistas

ENTREVISTADA A. *Entrevista*. Facebook, 2013. Entrevista concedida a Eduardo M. de Albuquerque Maranhão Filho.

ENTREVISTADA B. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo M. de A. Maranhão F°.

ENTREVISTADA C. *Entrevista*. Facebook, 2013. Entrevista concedida a Eduardo M. de A. Maranhão F°.

ENTREVISTADA D. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo M. de A. Maranhão F°.

ENTREVISTADA E. *Entrevista*. Facebook, 2013. Entrevista concedida a Eduardo M. de A. Maranhão F°.

ENTREVISTADA F. *Entrevista*. Facebook, 2013. Entrevista concedida a Eduardo M. de A. Maranhão F°.

ENTREVISTADA G. *Entrevista*. São Paulo, 2010. Entrevista concedida a Eduardo M. de A. Maranhão F°.

ENTREVISTADA H. *Entrevista*. Facebook, 2013. Entrevista concedida a Eduardo M. de A. Maranhão F°.

ENTREVISTADA I. *Entrevista*. Facebook, 2012. Entrevista concedida a Eduardo M. de A. Maranhão F°.

ENTREVISTADA J. *Entrevista*. São Paulo, 2013. Entrevista concedida a Eduardo M. de A. Maranhão F°.

ENTREVISTADA K. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo M. de A. Maranhão F°.

LANZ, Letícia. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo M. de A. Maranhão F°.

PERON, Luanddha / LORD, Marcos. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo M. de A. Maranhão F°.

SALVADOR, Alexya. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo M. de A. Maranhão F°.